

MARAN RE-NÉ... ENCORE¹

Roger LITTLE*

Tradução:
Renata Villon
Danielle Grace de Almeida

René Maran ocupa uma posição única na literatura colonial. Se o conhecemos hoje é graças a seu romance *Batouala, véritable roman nègre*, que lhe rendeu o prêmio Goncourt em 1921 e uma contestação inflamada e racista da parte do *lobby* colonial. Pois Maran, nascido de pais guianenses em 05 de novembro de 1887, em Forte de França, na Martinica, era “noir”². No entanto, era administrador colonial, passando os anos de 1909 a 1923 em Oubangui-Chari (atual República Centro-Africana) e no Chade. Separado de seus pais e disposto a enfrentar uma solidão insuportável que agredia sua sensibilidade peculiar³, recebeu, a partir dos 7 anos, uma educação sólida em Bordeaux. Um de seus condiscípulos no colégio reconhecia perfeitamente sua situação desconfortável: “[...] nas colônias, apesar de sua cultura inteiramente europeia e sua lealdade no serviço, aos olhos da maioria dos colonos, ele não passava de um ‘negro imundo’, e aos olhos dos nativos, um renegado.” (TUFFRAU, 1965, p.256)⁴. Em *Un*

* Roger Little é poeta e foi professor na Trinity College, na Universidade de Dublin.

¹ N. do T.: Nesse título, Roger Little brinca com o nome do autor, René, e com a palavra francesa “*rené*”, que significa “renascido”. Com a palavra “*encore*” (que significa “ainda”, e/ou “mais uma vez”), pode-se intuir que o autor pretende reafirmar as duas dimensões da palavra, sendo o “ainda” uma marca da permanência de Maran na história literária e o “mais uma vez” apontando a importância de se voltar a Maran a partir das questões desenvolvidas ao longo de seu texto.

² N. do T.: Conservamos a palavra no original com as aspas para manter a contestação que o autor faz em relação a esse termo em francês, que sendo considerado o mais educado para se referir a pessoas negras, exclui a diversidade, padronizando as cores da pele em um processo de racialização.

³ Seu romance *Le Cœur serré* (1931) reverbera esse período difícil de sua vida. Confira Maran (1931).

⁴ “[...] *aux colonies, malgré sa culture toute européenne et sa loyauté dans le service, il n'était, aux yeux de la plupart des coloniaux, qu'un 'sale nègre', et aux yeux des indigènes, qu'un renégat.*” (TUFFRAU, 1965, p. 256). Esse importante volume comporta inúmeros testemunhos daqueles que conheceram René Maran. N. do T.: Ver Referências completas ao final do artigo.

homme pareil aux autres, o romance mais profundamente esclarecedor de sua personalidade, ele escreve: “*Être nègre, a-t-on en effet idée d’être nègre? Voilà qui est déjà singulier, à une époque où les blancs ont envahi toutes les parties du monde. Mais être nègre, et fonctionnaire colonial, et cultivé par-dessus le marché, voilà qui est prodigieux, renversant, miraculeux.*” (MARAN, 1962, p. 60)⁵.

Seu amor pela França e pela língua francesa era incondicional e, tendo sido um grande leitor, seu léxico e seu estilo são os de um beletриста. Observador sofisticado, ele narrava apenas o que estava à sua vista, o que o levava a denunciar os abusos de que era testemunha nas colônias e a arcar com as consequências dessa denúncia quando o Goncourt depositava sobre ele todas as luzes furiosas da imprensa e toda a fúria sombria do *lobby* colonial. Constatções que parecem hoje perfeitamente justificadas e quase anódinas eram vistas de outro modo na época. No prefácio de *Batouala*, por exemplo, em que o autor fala em seu próprio nome, lê-se:

*Civilisation, civilisation, orgueil des Européens, et leur charnier d’innocents [...]
Tu bâtis ton royaume sur des cadavres. Quoi que tu veuilles, quoi que tu fasses, tu te meus dans le mensonge. À ta vue, les larmes de sourdre et la douleur de crier. Tu es la force qui prime le droit. Tu n’es pas un flambeau, mais un incendie. Tout ce à quoi tu touches, tu le consumes...* (MARAN, 1938b, p.11).

Tais observações poderiam nos levar a crer que Maran foi um dos primeiros anticolonialistas, mas, constatamos que, para ele, não se trata de um paradoxo. Com efeito, ele não contestava de nenhum modo o princípio da colonização, posição reservada, então, somente aos comunistas, limitando-se, a exemplo de outros antes dele, como Vigné d’Octon, Félicien Challaye, Rabindranath Tagore, Lucie Cousturier e depois dele, nos anos 1920: André Gide, Albert Londres, à denúncia dos abusos. É por causa de seu “*exclusif amour*” (BOCQUET, 1924, p. 30)⁶ pela França que ele tem o direito e o dever de criticar sua pátria naquilo em que falha a seus olhos: quem ama repreende. Em *Asepsie noire!* René Maran esboça uma outra maneira de proceder:

L’Europe n’a qu’à s’en prendre à elle-même de l’échec de ses méthodes. Elle aurait dû, en prenant pied sur les terres qu’elle rêvait de soumettre à son influence, éviter

⁵ Uma primeira versão intitulada *Journal sans date* foi publicada em 1927. Ver Maran (1927b).

⁶ Carta de Maran de 30 de outubro de 1914 para Léon Bocquet, citada por este em seu importante prefácio de *Petit Roi de Chimérie*, de René Maran.

de contrebattre certaines puissances sociales. Elle n'a pas eu la sagesse de chercher à se concilier leurs faveurs. Elle a cru que la force suffirait à excuser sa cupidité matérialiste. Et elle est entrée en lutte, en pays noir, avec les sorciers et les dirigeants des sociétés secrètes. (MARAN, 1931a, p.7).

A experiência, ao mesmo tempo, exaltante e dolorosa do Goncourt faz com que Paul Tuffrau escreva: “O sofrimento por *Batouala* tinha, a meu ver, marcado René Maran para sempre” (TUFFRAU, 1965, p. 257)⁷. Sua associação com Kojo Tovalou Houénou não foi mais feliz, pois, em 1924, ele é convocado por Blaise Diagne a responder na justiça pela publicação no jornal *Les continents* de um artigo considerado difamatório, que declarará falência em decorrência desse fato⁸. Em 1924, publica também uma obra que se distingue estilisticamente de toda a sua produção: é uma truculenta sátira da Grande Guerra: *Le Petit Roi de Chimérie* (1924)⁹, na qual ele traça o retrato dos beligerantes como se se tratasse de uma guerra pricrocholina. Evitará a política em seguida para viver de uma pena atenta e bela que se concentra, por um lado, sobre a “*Comédie animale*” de numerosos romances e contos – Djouma, *chien de brousse* (1927), *Le livre de la brousse* (1934), *Bêtes de la brousse* (1941) e *Mbala, l'éléphant* (1943)¹⁰ – e, por outro lado, sobre a análise, geralmente através desses retratos de animais, à maneira de um La Fontaine, da natureza e das imperfeições do ser humano. Essa perspectiva será particularmente pertinente durante a ocupação nazista, período em que a força se sobressai à lei, pois, apesar de sua penúria, uma possível colaboração estava totalmente fora de questão¹¹. Fiel a sua fé na colonização, ele redigirá uma série de retratos de colonizadores, dos *Pionniers de l'Empire* a *Livingstone, Brazza* e seu amigo guianense Félix Éboué¹². Era um homem de uma probidade exemplar que fugia da hipocrisia e da vaidade, preferindo uma solidão resoluta para se consagrar

⁷ “*L'épreuve de Batouala avait, je crois bien, marqué René Maran pour toujours.*” (TUFFRAU, 1965, p. 257).

⁸ Ver principalmente “*Who Speaks for Africa? The René Maran–Blaise Diagne Trial in 1920's Paris*” (CONKLIN, 2003) e “*René Maran et Blaise Diagne, deux négritudes républicaine*” (MICHEL, 2013). Publicamos “*Du nouveau sur le procès Blaise Diagne-René Maran*” (LITTLE, 2020a), estudo baseado na correspondência inédita de René Maran com Alain LeRoy Locke e Mercer Cook. N. do T.: Ver referências completas ao final do artigo.

⁹ Prefácio de Léon Bocquet. Confira Maran (1924).

¹⁰ Esta obra foi publicada por Arc-en-ciel. Todas as outras por Albin Michel. N. do T.: Ver referências completas de todas as obras mencionadas de Maran ao final do artigo. Confira Maran (1927a, 1934, 1941a, 1943b).

¹¹ Ver Elsa Geneste que responde às insinuações feitas a esse respeito: “*René Maran et la Résistance: enquête sur une prétendue collaboration*”. Um importante dossiê desse número (p. 95-259) retoma uma escolha dos anais do colóquio ocorrido em Paris, em dezembro de 2010. N. do T.: Verificar as referências completas ao final do artigo. Confira Geneste (2013).

¹² *Les pionniers de l'Empire*, (em três volumes : (MARAN, 1943a, 1946, 1955)) ; *Livingstone et l'exploration de l'Afrique : La découverte du monde* (MARAN, 1938a) ; *Brazza et la fondation de l'A.É.F.* (MARAN, 1941b), versão definitiva

lealmente à sua tarefa de escritor à qual sua morte botará fim em 9 de maio de 1960.

Um livro, *Homenagem a René Maran*, foi publicado, como sabemos, em 1965¹³. Números especiais da revista espanhola *Francofonía* em 2005, e do periódico italiano *Interculturel Francophonies*, em 2018, enriqueceram a crítica que conhece alguns estudos panorâmicos sobre Maran e outros direcionados a Batouala¹⁴. O documentário de Barcha Bauer: *René Maran, l'éveilleur des consciences*¹⁵, impacta pela qualidade de alguns participantes, dos quais: Léon-Gontran Damas, Félix Éboué, Raphaël Confiant... e pelo feito de permitir que o espectador ouça a voz, inteiramente francesa, de René Maran. Mas nenhuma biografia digna deste nome¹⁶ existe ainda e a ausência nas livrarias de todos os seus livros, salvo aquele ao qual foi concedido o prêmio Goncourt, impede um melhor conhecimento de sua obra¹⁷.

“Dar tempo para a leitura não é apenas virar página por página, mas sim dar tempo às palavras”¹⁸. Esse sábio convite de Éric de Kermel a “dar tempo às palavras” nos convoca a refletir sobre o que nos fascina em Maran. É legítimo se interessar por ele porque recebeu o prêmio Goncourt, prova de que cativou a atenção dos mais autorizados e atentos leitores de sua época; legítimo ainda por chamar a atenção para a África na época colonial; legítimo, enfim, por nele reconhecer um autor “*noir*” de primeira linha. Isso corresponde

com o título *Savorgnan de Brazza* (MARAN, 1951, 2009) ; *Félix Éboué, grand commis et loyal serviteur* (1884-1944) (MARAN, 1957), reedição em 2007 (MARAN, 2007). N. do T.: Ver referências completas ao final do artigo.

¹³ N. do T.: Obra coletiva : Confira *Hommage...* (1965).

¹⁴ “René Maran (1887-1960)” (Francofonía, 2006) e “*René Maran, une conscience intranquille*” (Interculturel Francophonie, 2018). As páginas 19 e 20 da introdução deste número de Interculturel Francophonies propõe uma série de pista de pesquisas a serem realizadas sobre a obra de Maran. Ver René... (2006a, 2018). Uma bibliografia inicial se encontra na recente publicação de *Nouvelles africaines inédites ou inconnues*, (MARAN, 2018). Em diferentes edições de Batouala, encontra-se a indicação de *Les deux Batouala de René Maran* (HAUSSER, 1975) e “*Une édition du Batouala de René Maran illustrée par le peintre russe Alexandre Iacovleff (1928)*” (RIESZ, 2011). N. do T.: Ver referências completas desses títulos ao final do artigo.

¹⁵ Confira René... (2006).

¹⁶ A de Charles Onana (2007) sendo de uma brevidade desconcertante (193 páginas espaçadas), lacunar, sem bibliografia, não fornecendo nenhuma fonte precisa por suas longas e numerosas citações. Nem a obra sólida de Femi Ojo-Ade (1984), nem a tese de Lourdes Rubiales (2006) foram traduzidos para o francês.

¹⁷ N. do T.: Essa primeira parte foi publicada em francês em *Courrier de la SIELEC (Société internationale d'étude des littératures de l'ère coloniale)*, n.11, 2020. Confira Little (2020b).

¹⁸ “*Prendre le temps de lire n'est pas seulement tourner page après page, mais prendre le temps des mots*” (KERMEL, 2020, p. 39).

bem a um interesse de historiador. Mas se ainda o lemos hoje com tanto respeito é por motivos internos à literatura, à sua escrita e, em suma, pelo prazer que ela nos proporciona. Na verdade, olhando em retrospectiva, vale reconhecer que seus posicionamentos em relação ao colonialismo eram os corretos, os que, em nossa época pós-colonial, declaramos sem cessar, que sua denúncia dos abusos e a probidade que ele provou ter ao renegar suas funções de administrador colonial nos faz descobrir nele uma cara metade. Deve-se igualmente repreender hoje o racismo do qual ele foi vítima ao invés de continuar a deixá-lo arder sorratamente, ou pior, ser abertamente expresso, mas sob o disfarce covarde do anonimato, como aqueles que acometeram Kofi Yamgnane nesses últimos anos¹⁹.

Quais são, então, os traços marcantes dessa escrita? Maran é um notável observador do mundo onde vive. Sua descrição dos animais aos quais ele nos chama a atenção é de uma veracidade absoluta. Habitamos em suas peles; vemos o mundo através de seus olhos, mesmo sabendo que é uma mão humana que segura a caneta. Nosso antropoceno se dá cada vez mais conta da importância da ecologia, e os escritos de Maran estão completamente em conformidade com essa noção. Mas não é uma ecologia doce: pelo contrário, ela é violenta, assim como a natureza o é.

Maran tem um raro domínio do francês. Ele trabalha muito em cada palavra antes de se dar por satisfeito com o resultado lexical, sonoro, rítmico. Tome como exemplo a seguinte frase:

On eût pu croire que ces éternels chasseurs étaient à leur tour pourchassés, à les voir s'égailler de tous côtés, à jambes rebindaines, comme s'égaillent de tous côtés, à tire-d'ailes, oisillons et insectes au grand souffle des feux saisonniers ou devant une invasion de fourmis rouges. (MARAN, 1941a, p.32).

Ela salta por entre “*chasseurs*” e “*pourchassés*”, persegue seu curso pelas sibilantes, navega entre repetições e aliterações — “*s'égailler de tous côtés*”, “*s'égaillent de tous côtés*”, —, termina com os “*on*”: “*oisillons*”, “*saisonniers*” e “*invasion*” seguidos de “*ou*”: “*souffle*” e, por fim, “*fourmis rouges*”. E o que dizer da expressão “*à jambes rebindaines*”? Pode-se imaginar escritor mais escrupuloso do que este, que, numa carta de 4 de maio de 1919 endereçada a Léon Bocquet, seu primeiro editor que se tornou um amigo, escreve assim:

¹⁹ Veja Kofi Yamgnane (2021), para ter uma amostra dos insultos gratuitos e nocivos aos quais ele foi sujeito desde sua eleição a prefeito, a secretário de Estado, e depois a deputado.

Voici trois semaines que je relis les Cent nouvelles nouvelles, Rabelais, Brantôme et quelques vieux auteurs. Je recherche une vieille expression, très peu usitée de nos jours et qui, selon la phrase, veut dire soit “à toutes jambes”, soit “les quatre fers en l’air”. À notre époque, écrit-on “à jambes rebidaines” ou “à jambes ribedaines”? Le Larousse consulté est demeuré muet... Rabelais m’a donné rebindaines et Brantôme ribaudaines. Or, s’il me fallait choisir, je n’hésiterais pas, je vous l’avoue, entre ribedaines que j’ai peut-être forgé, mais qui est substantiel et ribaudaines qui sonne parfaitement à l’oreille et dont l’étymologie n’est pas malaisée... (MARAN, 1924, p. 39-40).

Aqui ele escolheu, no fim das contas, uma ortografia diferente, uma que ele manterá, aliás, em *Bacouya, le cynocéphale* (1953)²⁰. Frustrado na sua pesquisa pela expressão exata, parece que encontrou alhures sua felicidade, sem que essa fonte nos seja conhecida.

Logo na primeira página de “*Bassaragba, le rhinocéros*” encontramos a palavra “*bretaudé*”. Rápido! Aos nossos dicionários ou ferramentas de pesquisa! Neles aprendemos que se trata do ato de tosar um animal de forma errática e, por extensão, cortar seu rabo ou suas orelhas, ou até mesmo castrá-lo. Quem então decidiu, numa edição póstuma da coletânea de *Bêtes de la brousse* (1965), substituir “*oreilles bretaudées*” (MARAN, 1941a, p.5) por “*oreilles lardées de griffures*”? Perdemos-nos em hipóteses. A reconsideração partiu do próprio Maran? Talvez nunca saibamos, pois nem o editor nem os herdeiros possuem a informação necessária.

As primeiras páginas do mesmo conto revelam outros termos que foram simplificados na edição de 1965²¹: “*façon rudânière*” se torna “*rudement*”, e “*sauter*” substitui “*sauteler*”. Alguns apreciarão a facilidade assim oferecida; outros sentirão falta do destaque que essas palavras e expressões, revivificadas a partir de um uso antigo, dão à linguagem de Maran. O contexto as torna na maioria das vezes perfeitamente compreensíveis, e o prazer de descobrir um novo léxico não é nada negligenciável. “*Sauteler*” não é, no fim das contas, mais do que uma variante de “*sautiller*”, e seu parentesco com “*sauter*” parece evidente a ponto de nos perguntarmos se a mudança para “*sauter*” não serve apenas para diminuir o prazer da leitura. Além disso, Maran claramente experimenta com esse tipo de nuance, preferindo *discutailler* a *discuter*, *pleuviner* a *pleuvoir*, *rôdailler* a *rôder*, *girer* ou *tornoyer* a *tourner*.

²⁰ Confira Maran (1953).

²¹ Confira Maran (1965).

Essa experimentação é alimentada por suas leituras, especialmente dentre os autores do século XVI, e ele gosta de recolocar em evidência palavras ou expressões envelhecidas ou reservadas somente à literatura. É um vocabulário rico em termos e construções pouco empregadas, por vezes técnicas: se conhecemos, mesmo que passivamente, “*chanter pouilles*”, “*chercher noise*” e “*dépouilles opimes*”, “*mettre les pouces*”, “*tenir à résipiscence*” ou “*à boulevue*”, isso as torna assim tão familiares? Seu léxico de sons de animais é particularmente extenso: ouvimos pastar, piar, crocitar, coaxar, grassitar, chirriar, grunhir, trinfar, silvar, conforme a espécie. A aliteração, a assonância e a onomatopeia entram frequentemente em jogo. “*Houppff!... houppff!... pouffe Mourou dans ses moustaches*” (MARAN, 1941a, p.131). Em outro lugar ele “*salive de plaisir, s’étire et se détire*”. “*Grouhibim!... Igrouim! grouinent à qui mieux mieux les sangliers et les phacochères présents.*” (MARAN, 1941a, p.134) Os hipopótamos saem do rio “*grognant, geignant et soufflant à pleine gueule*” (MARAN, 1941a, p.11), e Bassaraga “[...] *se rua sur sa souille, se mit à y patouiller avec pétulance et finalement s’y vautra en cornant de volupté.*” (MARAN, 1941a, p.38). Uma abundância de aliterações matiza o texto: “*le rire des rus*” (MARAN, 1941a, p.46), “*la cohue et le chaos*” (MARAN, 1941a, p.143), “*sa lourdeur et sa laideur*” (MARAN, 1941a, p.64), “*pillard et paillard*” (MARAN, 1941a, p.155), “*le tohu-bohu des tam-tams*” (MARAN, 1941a, p.175), “*quelles tiques te piquent*” (MARAN, 1941a, p.145), “*vogue ma pirogue*” (MARAN, 1941a, p.146), os anos de Bokorro “*je plains qui tu étreins*” (MARAN, 1941a, p.118) “*lusaient comme de l’huile*” (MARAN, 1941a, p.145), Mbala evoca, se dirigindo aos pássaros, a “*double flabelle de vos ailes*”... (MARAN, 1941a, p.132).

Vimos também no bípede de rosto branco, seja a “*catastrophe ambulante*” (MARAN, 1941a, p.146), e no dois pés de pele negra que Maran aprecia as perífrases, tal como “*monstrueux tubercule rouge, bedonnait à l’horizon*” (MARAN, 1941a, p. 39), que nada mais é que o sol que se levanta, ou este “[...] *ver de terre trop long, tout en long, fragment de sentier mobile, liane qui marche toute seule*” (MARAN, 1941a, p.90) que é Bokorro, a serpente pítón. Por vezes ficamos à beira de um enigma, esse tipo de desafio do qual os Africanos, reunidos e observando a noite, tanto gostam: num primeiro momento encontramos a misteriosa “*bête rouge sans yeux, sans pattes et sans visage*”, “*qui mordait mais qu’on ne pouvait mordre*”, “*qui s’alimente d’herbes sèches et de bois mort*” (MARAN, 1941a, p.35, p.115), que nada mais é que o fogo ao redor do qual nos reunimos, que cozinha nossas refeições e que serve, de tempos em tempos, para limpar a mata.

Essas construções são frequentemente temperadas com humor, como quando Bokorro, cheio de “*sa politesse glacée habituelle*” (MARAN, 1941a,

p.107), se retira para digerir sua presa com “*le sang-froid du stoïcisme*” (MARAN, 1941a, p.149), havendo ganhado a batalha na qual “[...] *le cadavre de la petite antilope remplissait, en la circonstance, l’office de corde à traction [...]*”, se dedica a (MARAN, 1941a, p.75) “[...] *de pénibles exercices d’ophiothérapie péristaltique [...]*” (MARAN, 1941a, p.119). Quanto a Boum, sabendo qual “*chien de métier est un métier de chien*” (MARAN, 1941a, p. 172), ele “*s’en fut cyniquement à son métier de chien*”, nos recordando a etimologia da palavra “cinismo” (MARAN, 1941a, p.178)²². Ao lado de “*Konan, canon de beauté*” MARAN, 1941a, p. 80), e das formigas “*d’un abord acide*” MARAN, 1941a, p. 100), Dog, o touro acredita, “*dur comme corne*” (MARAN, 1941a, p. 168), assim como todos os animais, que Bokorro tem razão ao afirmar que o homem de pele branca é a “*bête noire*” deles (MARAN, 1941a, p. 147). No próprio título de “*Boum le chien et Dog, le buffle*”, Maran brinca com as reações de seus leitores europeus, pois quem ouviria de início uma explosão, e depois sonharia com a palavra “cão” em inglês? Quem quer que seja, ele não nos deixa na dúvida por muito tempo: se trata de palavras advindas dos saras²³. É um humor feito de dedução e de jogos que são muitas vezes linguísticos, mas implantado numa narrativa séria. Maran nunca se esquece de seu dever de narrador,

[...] toute histoire bien construite comportant un commencement, un milieu et une fin. La plus humble existence, quelque brève qu’elle soit, ressemble à une histoire bien construite. On naît, l’on vit et l’on meurt. L’histoire est plus ou moins longue, toute vie plus ou moins courte. Mais l’une et l’autre ont forcément une fin. Cette fin ne présente, au fond, aucune espèce d’importance. (MARAN, 1941a, p. 58).

Ele mostra uma lealdade indefectível para com seus amigos e seus valores, mas também para com a sua arte.

Por fim, dois traços estilísticos que parecem contraditórios caracterizam a escrita de Maran: a enumeração e a sentença. A primeira se deixa levar ao prazer de encadear substantivos, adjetivos, verbos ou, mais raramente, advérbios numa jubilosa acumulação de vocábulos saborosos; a segunda concentra num apoftegma um saber de validade permanente. Os exemplos pululam; me limito a

²² N. do T. : A palavra advém do grego *kynismós*, que significa “como um cão”. Esse também foi o nome de uma filosofia fundada pelo discípulo de Sócrates chamado Antístenes, que consistia em viver “como um cão”: sem apego a coisas materiais e desprezado de convenções sociais. A palavra “cinismo” ainda pode ser ligada a essa filosofia e seus ensinamentos, apesar de hoje ser mais comumente utilizada para descrever um comportamento falso ou hipócrita.

²³ N. do T. : Os saras são um grupo étnico africano que em sua maior parte habita o país de Chade.

alguns exemplos tomados da coletânea de *Bêtes de la brousse* (1941a), com a qual trabalhei recentemente:

Substantivos:

[...] le vrombissement continu mais différent des mouches, des taons, des abeilles, des simulies, des tsé-tsés, des moustiques, des bousiers, des cétoines, des cantharides et des mellipones se mêlait à la chanson des eaux et à celle des feuilles, pour se fondre en un vaste et confus murmure [...] (MARAN, 1941a, p. 39).

[...] meuglements de vaches suitées hélant leurs veaux, meuglements vantant les nonchalantes joies des longues ruminations à l'ombre, meuglements de ralliement, meuglements de charge, de peur, d'allégresse ou de fureur [...] (MARAN, 1941a, p. 162).

Bourdonnements, meuglements, grouinements, croassements, barrissements, feulements, bramements et rauquements répondaient de tous côtés à des bruits de même sorte. (MARAN, 1941a, p. 143).

Adjetivos:

Le ciel, de nuances en nuances, de transparences en transparences, devint gris, laiteux, blanc, rose, bleu, orange et or, et le soleil inonda de lumière la brousse illimitée. (MARAN, 1941a, p. 83).

[...] les hautes herbes croulaient, froissées, arrachées, fracassées, mâchonnées, foulées, piétinées, broyées, déchiquetées [...] (MARAN, 1941a, p. 163).

Verbos:

On entendit huir Doppélé, le charognard au cou pelé, crailler les corbeaux, ricaner les toucans, raire les antilopes, barrir les éléphants. (MARAN, 1941a, p. 138).

De tous côtés, des essaims d'abeilles, des nuées de mouches, des vols de bousiers zonzonnaient, bourdonnaient, vrombissaient, invisibles. (MARAN, 1941a, p. 179).

Ses oreilles s'emplirent de clameurs bizarres où grondaient, roulaient, rauquaient, s'excitaient, s'appelaient, se répondaient des éructations de tam-tams, des cris de triomphe et des aboiements de chien [...] (MARAN, 1941a, p.187).

Advérbios:

La brousse appartient ce jour-là aux tam-tams. Ils trémulaient à droite, à gauche, devant, derrière, grondaient dans les vallées, sur les hauteurs, à l'orée des sous-bois, le long des marigots, tout près, très loin, plus loin encore, séparément ou tous ensemble, avec une précipitation étonnée et étonnante, une volubilité qui respirait l'effroi. (MARAN, 1941a, p.141-142).

Quanto às expressões sentenciosas, nelas também resta apenas o embaraço da escolha. Algumas retomam uma sabedoria familiar; outras são mais especificamente circunstanciadas:

Les lois de la brousse sont implacables. Tue pour vivre ou meurs pour nourrir autrui de ta substance. Hors cela, nul recours. (MARAN, 1941a, p. 40).

Bien manger d'abord, bien dormir ensuite, veiller, en dernier lieu, à se tenir les boyaux libres, tel est le comble de la félicité. Le reste ne vaut pas tripette. (MARAN, 1941a, p. 41).

L'homme absent, le monde animal recouvre sa norme. (MARAN, 1941a, p.47).

Se rend-on bien compte que l'on n'est libre que si on mérite de l'être ? (MARAN, 1941a, p. 62).

Le scrupule est vertu de faible. Vertu de faible aussi la modération. Il en est de même du remords. Fais par conséquent ce que dois, sans jamais te préoccuper du qu'en dira-t-on. (MARAN, 1941a, p. 66).

La vie n'est faite que de contrastes. Le malheur des uns fait le bonheur des autres. Il en a toujours été ainsi. Il en sera toujours ainsi. (MARAN, 1941a, p.70).

L'égoïsme est la plus grande des vertus sociales. Il sauvegarde l'individualisme et assure sa permanence. (MARAN, 1941a, p. 70).

Prudence est mère de sûreté et fuite leur seule amie intime. (MARAN, 1941a, p. 94).

La brousse n'a que faire de la politesse. Chacun pour soi et le hasard pour tous. Tout est pour le mieux ainsi. (MARAN, 1941a, p. 101-102).

Parler agir ne vaut. (MARAN, 1941a, p. 102)

L'homme blanc ne diffère de l'homme noir que de peau. (MARAN, 1941a, p.115).

Le droit du plus fort est le seul que respectent les animaux de brousse. (MARAN, 1941a, p. 129).

La loi du plus fort est la loi des lois. Le plus fort a toujours raison, même s'il a tort, même s'il se trompe. (MARAN, 1941a, p. 164).

Il n'est pas de plus belles règles de conduite que celles-là. La vie dévore la mort, la mort nourrit la vie. Les plus forts comme les plus faibles sont obligés de se soumettre à cette loi. (MARAN, 1941a, p. 176).

Le troupeau forme toujours, au moment du danger, un tout solide, un front de résistance. (MARAN, 1941a, p. 185).

Desculpem-me: me deixei levar pelo prazer de uma língua que se apraz consigo mesma, enquanto se recusa a ser apenas arte pela arte. Sem dúvidas é isso o que me fascina em Maran, assim como em outros poetas e escritores que me ensinam as extraordinárias riquezas da língua francesa. Meu estatuto de estrangeiro a essa língua, que aprendi inicialmente no colégio, faz com que meu aprendizado não termine e que se deleite com a descoberta de um léxico e de construções que ignorava, de um estilo que me parece profundamente francês ao mesmo tempo que conserva uma abertura para o mundo. Uma empatia se instaurou entre mim e Maran, seguida de um fervor. Espero ter compartilhado um pouco desse fervor com vocês.

REFERÊNCIAS

BOCQUET, L. Préface. In : MARAN, R. **Petit Roi de Chimérie de René Maran.** Paris : A. Michel, 1924. p. 12-30.

COKLIN, A. L. Who Speaks for Africa ? The René Maran-Blaise Diagne Trial in 1920's Paris. In: PEABODY, S; STOVALL, T. (Org.). **The Color of Liberty: Histories of Race in France.** Durham NC: Duke University Press, 2003. p. 302-337.

GENESTE, E. René Maran et la Résistance: enquête sur une prétendue collaboration. **Présence Africaine**, Paris, n.187-188, p. 139-152, 2013.

HAUSSER, M. **Les Deux Batouala de René Maran.** Sherbrooke : Naaman, 1975.

HOMMAGE A RENE MARAN, Paris : Présence Française, 1965.

Autor: Roger Little; Tradutoras: Renata Villon e Danielle Grace de Almeida

KERMEL, É. **La librairie de la place aux Herbes**. Paris: Éditions J'ai lu, 2020.

LITTLE, R. Du nouveau sur le procès Blaise Daigne-René Maran. **Cahiers d'études africaine**, Paris, LX. 1, v. 237, p. 141-150, 2020a.

LITTLE, R. Redécouvrir Maran Re-né. **Courrier de la SIELEC**, Paris, n.11, p.27- 29, 2020b.

MARAN, R. **Nouvelles africaines et françaises inédites ou inconnues**. Col. Autrement Mêmes, Paris : L'Harmattan, 2018.

MARAN, R. **Savorgnan de Brazza**. Paris : Éditions du Dauphin, 2009.

MARAN, R. **Félix Éboué, grand commis et loyal serviteur (1884-1944)**. Col. Autrement Mêmes, Paris : L'Harmattan, 2007.

MARAN, R. **Bêtes de la brousse**. Paris : A. Michel, 1965.

MARAN, R. **Un homme pareil aux autres**. Paris : A. Michel, 1962.

MARAN, R. **Félix Éboué, grand commis et loyal serviteur (1884-1944)**. Paris : Les Éditions parisiennes, 1957.

MARAN, R. **Les Pionniers de l'Empire**. t.3. Paris : A. Michel, 1955.

MARAN, R. **Bacouya**. Paris : A. Michel, 1953.

MARAN, R. **Savorgnan de Brazza**. Paris : Éditions du Dauphin, 1951.

MARAN, R. **Les Pionniers de l'Empire**. t.2. Paris : A. Michel, 1946.

MARAN, R. **Les Pionniers de l'Empire**. t.1. Paris : A. Michel, 1943a.

MARAN, R. **Mbala, l'éléphant**. Paris : Arc-en-ciel, 1943b.

MARAN, R. **Bêtes de la brousse**. Paris : A. Michel, 1941a.

MARAN, R. **Brazza et la fondation de l'A.É.F.** Paris : Gallimard, 1941b.

MARAN, R. **Livingstone et l'exploration de l'Afrique** : La découverte du monde. Paris : Gallimard, 1938a.

MARAN, R. Préface. In. MARAN, R. **Batouala, véritable roman nègre**. Paris : A. Michel, 1938, p.9-18.

MARAN, R. **Le Livre de la brousse**. Paris : A. Michel, 1934.

MARAN, R. **Asepsie noire !** Paris : Laboratoires Martinet, 1931a.

MARAN, R. **Le Cœur serré**. Paris : A. Michel, 1931b.

MARAN, R. **Djouma, chien de la brousse**. Paris : A. Michel, 1927a.

MARAN, R. Journal sans date. **Les Œuvres libres**, Paris, n. 73, p. 105-236, 1927b.

MARAN, R. **Le Petit Roi de Chiméri**. Paris : A. Michel, 1924.

RENÉ Maran: une conscience intranquille. **Interculturel Francophonies**, Lecce, n. 33, 2018. Coordonnée par Roger Little. Disponible em: <<https://journals.openedition.org/studifrancesi/20437#authors>>. Acesso em: 29 juillet 2021.

RENÉ Maran (1887-1960). **Francofonia**, Cádiz, n. 14, 2006a. Dirigé par Lourdes Rubiales.

RENÉ Maran, l'éveilleur des consciences. Direção: Barcha Bauer e Serge Patient. Produção: Les productions de la Lanterne. Paris : Les Productions de la Lanterne, 2006b. (53 min.)

MICHEL, M. René Maran et Blaise Diagne, deux négritudes républicaine. **Présence africaine**, Paris, n.187-188, p. 153-166, 1^o e 2^o sem. 2013.

OJO-ADE, F. **René Maran, the Black Frenchman**: a Bio-Critical Study. Washington D.C.: Three Continents Press, 1984.

ONANA, C. **René Maran, le premier Goncourt noir, 1887-1960**. Paris: Duboiris, 2007.

RIESZ, J. Une édition du Batouala de René Maran illustrée par le peintre russe Alexandre Iacovleff (1928) **I&M Bulletin**, Boulogne-Billancourt, n. 28, p. 19-24, 2011. Disponible em: <https://www.academia.edu/30214159/Batouala_illustr%C3%25>. Acesso em : 29 jul. 2021.

RUBIALES, L. **René Maran o la emergencia de un escritor en el contexto colonial y negro-africano francófono**. 2006. Thèse (Doctorat en investigaciones filológicas), Université de Cádiz, 2006.

TUFFRAU, P. Hommage. In : HOMMAGE À RENÉ MARAN. Paris : Présence Africaine. 1965. p.253-262.

YAMGNANE, K. **Mémoires d'outre-haine**. Châteaulin: Locus Solus, 2021.

